

Cadernos de Alternância como instrumento de registro, avaliação e formação de professores

Lisiane dos Santos Moreira¹, Ana Carolina de Oliveira Salgueiro de Moura²

^{1, 2} Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. Campus Dom Pedrito. Rua Vinte e Um de Abril, 80, São Gregório, Dom Pedrito - RS. Brasil.

Autor para correspondência/Author for correspondence: lisi.lecampo@gmail.com

RESUMO. A Universidade Federal do Pampa, Rio Grande do Sul, no ano de 2014, passou a ofertar o curso Educação do Campo - Licenciatura, o qual organiza seu calendário em Alternância, em dois tempos complementares: Tempo Universidade e Tempo Comunidade. Em virtude desses dois tempos foi proposto o uso do Caderno de Alternância como instrumento de registro e reflexões das experiências e práticas que fazem parte e influenciam o processo formativo dos licenciandos. A investigação apresentada nesse artigo tem como objetivo compreender as contribuições do Caderno de Alternância para a formação docente desses licenciandos. Participaram da pesquisa licenciandas do oitavo semestre do curso por meio de questionário que versava sobre suas experiências com o Caderno de Alternância. O caminho metodológico escolhido para a análise das respostas do questionário foi o da Análise Textual Qualitativa que possibilitou a construção do metatexto “o campo em flores de escrever”. Considerando que desenvolvimento pessoal e profissional estão inter-relacionados, a reflexão proporcionada pela escrita no Caderno representa ação privilegiada no processo formativo.

Palavras-chave: Caderno de Alternância, Escrever, Formação de Professores.

Alternance notebook as instrument of registration, evaluation and teacher training

ABSTRACT. The Universidade Federal do Pampa, Rio Grande do Sul, in the year 2014, started to offer the Rural Education Licentiate Course, which organizes its schedule in Alternance, in two complementary times: University Time and Community Time. In view of these two times it was proposed to use the Alternance Notebook as an instrument for recording and reflecting on the experiences and practices that are part of and influence the training process of the graduates. The research presented in this article aims to understand the contributions of the Alternance Notebook for the teacher training of these students. Participants in the investigation were graduates of the eighth semester of the course through a questionnaire that was about their experiences with the Alternance Notebook. The methodological path chosen for the analysis of the questionnaire responses was the Qualitative Textual Analysis that enabled the construction of the metatext "the field in writing flowers". Considering that personal and professional development are interrelated, the reflection provided by writing in these Notebook represents privileged action in the formative process.

Keywords: Alternance Notebook, Write, Teacher Training.

Cuaderno de Alternancia como instrumento de registro, evaluación y formación de profesores

RESUMEN. La Universidade Federal do Pampa, Rio Grande do Sul, en 2014, pasó a ofrecer el curso Educación del Campo - Licenciatura, el cual organiza su calendario en Alternancia, en dos tiempos que son complementarios: Tiempo Universidad y Tiempo Comunidad. En virtud de estos dos tiempos se propuso el Cuaderno de Alternancia como instrumento de registro y reflexiones de las experiencias y prácticas que forman parte e influyen el proceso formativo de los licenciandos. La investigación presentada en este artículo tiene como objetivo comprender las contribuciones del Cuaderno de Alternancia para la formación de estos licenciandos. Participaron de la investigación licenciandos del octavo semestre por medio de un cuestionario que versaba sobre sus experiencias con el Cuaderno de Alternancia. El camino metodológico escogido para el análisis de las respuestas fue el del Análisis Textual Cualitativo que permitió la construcción del metatexto "el campo en flores de escribir". Los resultados muestran que el Cuaderno de Alternancia es un instrumento que posibilita la reflexión de la realidad en su entorno así como una reflexión más amplia sobre la realidad social. Considerando que el desarrollo personal y profesional están interrelacionados, la reflexión proporcionada por la escritura representa una acción privilegiada en el proceso formativo.

Palabras clave: Cuaderno de Alternancia, Escribir, Formación de Profesores.

A proposta pedagógica do caderno de alternância na Licenciatura em Educação do Campo

Em 2012, o Ministério da Educação lança edital para oferta de Licenciaturas em Educação do Campo pelas universidades públicas federais. A Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, com atuação multicampi no Rio Grande do Sul, que desde sua criação tem como objetivo interiorizar a formação universitária na região do pampa gaúcho, assume o compromisso com a formação dos sujeitos do campo. Assim, o curso de Educação do Campo – Licenciatura passa a ser ofertado pela UNIPAMPA *Campus* Dom Pedrito, em 2014.

A oferta das Licenciaturas em Educação do Campo corrobora para a legitimação e difusão da organização pedagógica em Regime de Alternância, a qual prioriza o contexto de vida dos sujeitos do campo e organiza o calendário e as atividades pedagógicas em dois tempos complementares: o Tempo Universidade (TU) e o Tempo Comunidade (TC). Durante o Tempo Comunidade são desenvolvidas atividades e vivenciadas experiências nas comunidades de origem dos licenciandos e no Tempo Universidade as atividades acontecem nos espaços vinculados à instituição de ensino. Para Molina (2015,

p. 596) a Alternância viabiliza a “... articulação intrínseca entre educação e a realidade específica das populações do campo” ao mesmo tempo em que viabiliza o acesso e a permanência de professores e sujeitos do campo ao Ensino Superior, sem que tenham que deixar suas comunidades de origem.

Com origem na França, em 1935, a proposta da Alternância foi construída a fim de atender a demanda de formação de camponeses e simultaneamente permitir sua permanência no campo (Saul, Rodrigues & Auler, 2019). No Brasil, a Alternância é efetivada em 1969 e em 2006 é publicado o parecer CNE/CEB nº 1 (Brasil, 2006) que regulamenta os dias letivos para a Pedagogia da Alternância no contexto dos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEEFA). Esse parecer tem subsidiado a adoção da organização das Licenciaturas em Educação do Campo, as quais adotam a Alternância também “... no sentido de valorizar o acadêmico a já estar intervindo em sua realidade”. (Saul, Rodrigues & Auler, 2019, p. 09).

A fim de que as diferenças entre TU e TC sejam articuladas, uma das propostas pedagógicas do curso de Educação do Campo – Licenciatura da UNIPAMPA é a utilização do escrever como forma de registro e reflexão acerca de

acontecimentos e práticas que fazem parte e influenciam o processo formativo dos licenciandos. Assim os escreveres produzidos pelos licenciandos são registrados no que foi denominado como Caderno de Alternância (CA), o qual está previsto desde a primeira versão do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) do curso:

... deve-se oportunizar espaços de criação e livre expressão, possibilitando aos alunos processos de elaboração de seus próprios conhecimentos e, também, do desenvolvimento de sua capacidade de analisá-los. Para tanto serão elaborados cadernos pedagógicos que orientam sobre a realização de algumas das ações. (UNIPAMPA, 2013, p. 27).

No PPC atual o CA aparece no item “Organização do Trabalho Pedagógico”, descrito como um dos instrumentos de avaliação do curso, no qual devem ser feitos os registros do plano de estudos e das atividades desenvolvidas durante os dois tempos educativos. Deve também contemplar as atividades referentes aos trabalhos interdisciplinares e os conhecimentos dos componentes já estudados de maneira articulada à realidade vivida. O CA também aparece no item que diz respeito aos estágios, para o qual se constitui como um instrumento de formação docente privilegiando a formação investigativa e posteriormente

um objeto de análise na construção do relatório de conclusão de estágio.

Quando o PPC aborda sobre “Metodologias de Ensino e Avaliação do Conhecimento” está previsto que os acadêmicos organizem relatos reflexivos e sistemáticos no CA com o objetivo de:

...registrar leituras, atividades de campo e demais estudos em desenvolvimento pelos acadêmicos, bem como avaliação do curso, autoavaliação e as dúvidas que lhes foram surgindo ao longo dessa trajetória. Assim, o Caderno de Alternância foi proposto no sentido de se constituir como registro singular do processo de formação docente pelo escrever de experiências, observações, angústias, desejos, inquietações e emoções do licenciando. Esse registro sistemático possibilita fortalecer o vínculo com o processo de formação agregando vivências significativas, que poderiam se perder no espaço e tempo de diferença entre o Tempo Comunidade e o Tempo Universidade. Registrar as vivências é um processo de significação, quando nos propomos a escrever sobre algo, nos propomos em dar sentido para aquela experiência. (UNIPAMPA, 2016, p.76).

O item do PPC que trata sobre “Ensino-Aprendizagem e avaliação do conhecimento”, coloca que a avaliação formativa agrega diferentes ferramentas utilizadas nos componentes curriculares do curso no Tempo Comunidade e no Tempo Universidade, e o CA é uma destas ferramentas. A seção que trata sobre a “Organização do Trabalho de Conclusão

de Curso”, apresenta o CA como uma das principais fontes para o processo de estimulação da ação investigativa em educação, possibilitando o desenvolvimento de uma trajetória acadêmica articulada ao processo de ensino, da pesquisa e da extensão, bases da educação superior. O CA é ainda mencionado como potencial para que os registros sejam “... feitos no momento em que se vivenciam as experiências, possibilitando a riqueza dos detalhes e das emoções”. (UNIPAMPA, 2016, p. 283).

O curso Educação do Campo - Licenciatura também conta com um documento de “Orientação para o processo de avaliação”, que traz descrito a avaliação: pesos e critérios. Desta forma o CA é várias vezes citado como instrumento avaliativo da construção do conhecimento acadêmico que deve ser apresentado a cada encontro realizado durante o Tempo Comunidade e entregue no último encontro para os professores que orientam a regionalizaçãoⁱ e que são responsáveis pela avaliação dos Cadernos. De acordo com o exposto o CA possui relevância visto que seu emprego se dá nas diversas etapas do desenvolvimento do percurso acadêmico, descrito como instrumento de registro, de avaliação e de formação docente. Na próxima seção desse artigo explicitaremos os caminhos metodológicos para

desenvolvimento dessa investigação, de maneira a apresentar o questionário utilizado para a coleta de dados e a metodologia de análise do mesmo.

Percurso metodológico

Essa investigação tem como objetivo compreender as contribuições do CA para a formação docente do licenciando em Educação do Campo da UNIPAMPA, por meio das compreensões de uma turma de licenciandos do curso sobre o CA, suas experiências com o mesmo, e as contribuições do escrever no processo formativo. Assim, o percurso metodológico escolhido é o da pesquisa qualitativa que traz como característica a busca de fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados. Para Minayo (2012, p. 622), “o verbo principal da pesquisa qualitativa é compreender”, verbo que integra nosso objetivo, e que, ao invés de medir ou comprovar, possibilita que diferentes vozes e experiências ganhem expressão na pesquisa.

A turma de acadêmicos que participou dessa investigação é composta por 14 licenciandas, que no período da pesquisa cursavam o oitavo semestre do curso, o que a caracteriza como experiente em relação aos registros no CA. Das 14 integrantes da turma 11 assinaram o termo

de consentimento e livre esclarecido e participaram da pesquisa, realizada por meio de um questionário organizado nos

Formulários *Google*, o qual está apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Perguntas do Questionário Pesquisa sobre o uso do CA.

1. Antes de entrar no curso você já tinha costume de escrever sobre suas experiências em diário, caderno ou nas redes sociais?
 - a. Se sim, que diferenças você entende que tem entre suas escritas antes e depois do curso?
 - b. Se não, como foi para você ter que fazer registros escritos no CA?
2. Como você seleciona o que vai registrar ou não no CA?
3. Que experiências você registra no CA? Cite exemplos.
4. De que maneira você utiliza o CA?
5. Como os registros escritos no CA contribuem para que você signifique conhecimentos, saberes e experiências no TU e no TC?
6. Conta um pouco sobre como foi seu processo de escrita no CA desde os primeiros registros até hoje. Que diferenças e semelhanças você percebe ao longo desse processo?
7. Quais as orientações do curso para sua escrita no CA?
8. Quais suas propostas para contribuir com o uso do CA? (Em relação a sua prática com o Caderno, em relação a interação do professor com seu Caderno, para articular TU e TC).
9. Quais as experiências com o CA você leva para sua futura prática profissional?

Fonte: As autoras.

O caminho metodológico escolhido para a análise das respostas do questionário foi o da Análise Textual Qualitativa, a qual constitui-se de três etapas: unitarização, categorização e metatexto (Moraes, 2003). Na etapa de unitarização, fizemos a leitura atenta dos textos a fim de identificar as diferentes unidades de significado que o caracterizam. “Cada unidade constitui um elemento de significado referente ao fenômeno que está sendo investigado”. (Moraes, 2003, p. 195).

Por meio da identificação das unidades de significado as categorias vão emergindo, de maneira a agrupar unidades com significados correlacionados. As categorias são “... modos de focalizar o todo por meio das partes. Cada categoria constitui uma perspectiva diferente de

exame de um fenômeno” (Moraes, 2003, p. 199). Dessa maneira fomos construindo as categorias de acordo com a abordagem dada pelas acadêmicas e não seguindo os temas das perguntas do questionário. Nesse processo foram produzidas as seguintes categorias:

- O que é registrado no CA.
- O que é importante registrar no CA.
- Concepções sobre o escrever.
- Dificuldades em escrever.
- Autoavaliação e avaliação do CA.
- Afinidades e vínculos com o CA.
- Contribuições do CA.
- Potencialidades do CA.

A última etapa da Análise Textual Qualitativa é desenvolvida por meio da elaboração de um metatexto, o qual se compõe das categorias identificadas e

articula os escreveres das licenciandas com escreveres de autores e teóricos que abordam o tema dessa investigação. Para preservar a identidade das licenciandas participantes da pesquisa, optamos por criar codinomes, a cada uma foi dado um nome de flor, e seus escreveres encontram-se destacados entre aspas, assim identificamos suas contribuições para a pesquisa. Nas próximas seções apresentamos o metatexto elaborado.

Um olhar descritivo do campo florido

Nessa seção apresentamos de maneira descritiva a percepção das acadêmicas acerca do que registram no CA, abarcando as orientações docentes sobre esses registros e também considerações sobre o que julgam relevante registrar no Caderno. A proposição do registro escrito das diferentes experiências e reflexões pessoais tem sido desenvolvida em outras situações formativas, como é o caso do Caderno de Campo. Ainda que esses cadernos se diferenciem, também possuem algumas características similares, como pode ser observado a seguir:

No Caderno de Campo o estudante faz anotações de sua vida pessoal, profissional, sua trajetória de estudo, das discussões em aula, das palestras, dos filmes a que assistem, em relação aos conteúdos e outras atividades realizadas. Esse instrumento também pode ser considerado como a possibilidade de constituir as suas

memórias individuais, do curso, de sua trajetória e, mais tarde, poderá rememorar todas as situações que têm relação com a trajetória construída nesse percurso. A trajetória não deve, contudo, ser analisada somente enquanto produção individual, mas sim, na contribuição em um contexto mais coletivo do curso e da própria discussão de Educação do Campo. (Piatti, 2014, p. 58).

Com as respostas obtidas no questionário, constituiu-se a categoria “O que é registrado no Caderno de Alternância” em que são expressas as temáticas dos escreveres, as quais aproximam-se dos registros pontuados por Piatti (2014). “Escolho conforme o que tivemos nos componentes o mais interessante” (Azaleia), “a partir das aulas que foram dadas” (Antúrio), “geralmente faço um apanhado da aula e vou escrevendo sobre meu entendimento sobre o tema abordado” (Jasmim) e “onde eu relato o que aconteceu em sala de aula, no meu caso relato assuntos relacionados a universidade” (Lírio). Outro critério é a maneira como se organizam para fazer os registros “no TU- Tempo Universidade - todos os dias ao chegar em casa reviso meus apontamentos. Relato os temas que o professor trabalhou e reflito sobre o meu entendimento. Também, registro um pouco do que aconteceu além do trabalho, como comentários dos colegas e as reclamações que quero que chegue até os professores”

(Hortência). “Eu faço anotações em uma agenda, sobre o que foi discutido em sala de aula e, eventualmente, descrevo algo que tenha marcado meu dia a dia” (Lírio), “geralmente faço um apanhado da aula e vou escrevendo sobre meu entendimento sobre o tema abordado” (Jasmim).

De acordo com o PPC do curso (UNIPAMPA, 2016), o CA possibilita o desencadeamento da análise do envolvimento do aluno em seu cotidiano, e também o desabrochar de outras formas de conhecimentos, eclodidas de suas práticas e experiências, a partir dos referenciais teóricos e produção científica durante o curso. Este processo se inicia com a solicitação de escreveres reflexivos para além das descrições, visando reflexões de cunho valorativo.

Neste sentido as orientações recebidas pelas acadêmicas também aparecem em seus escreveres com a intenção de alcançar as instruções que foram dadas para o uso do CA: “as orientações eram que fizéssemos reflexões profundas acerca dos componentes estudados e também sobre tudo que relativamente direcionasse a nossa vida acadêmica articulando de uma forma geral todos os conhecimentos ali agregados” (Rosa). “Geralmente os orientadores do TC é quem fazem as orientações, e sugerem que façamos reflexões sobre tudo que

achamos relevante” (Lírio). “Somos orientados a registrar tudo que acontece no dia a dia de forma reflexiva com registros tanto escritos como fotográficos. Como se fosse um diário” (Jasmim). “Foram tantas orientações, mas eu sou um pouco rebelde escrevo sobre o que eu acho importante e isso desagrada a quem espera altas reflexões” (Tulipa), “refletir e escrever” (Antúrio). Estas últimas revelam a essência de suas escritoras, o modo como se autoconstroem perante os desafios propostos, é o exercício de autorregulação de tarefas.

De maneira mais direta, a questão “Que experiências você registra no CA?”, gerou a categoria “O que é importante registrar no Caderno de Alternância”, a qual subdividimos em três subcategorias: atividades acadêmicas no Tempo Universidade, atividades acadêmicas no Tempo Comunidade, emoções e experiências.

Na subcategoria atividades acadêmicas aparece que registram no CA relatos relacionados às aulas, aos conteúdos vistos em aula, a participação em aulas práticas em laboratório, enfim o que mais as marcou durante o Tempo Universidade. Chegando até a exemplificar estes registros, “Registro, por exemplo: hoje a professora nos apresentou tal artigo para que lêssemos, comentássemos e

realizássemos uma síntese. Eu tive dificuldade em realizar o trabalho por que o texto era bastante complexo, mas com a ajuda do grupo consegui entender e assim realizar o proposto. Embora complexo, o texto é interessante e agora me sinto tranquila para tratar sobre o tema” (Hortênci).

Na segunda subcategoria as licenciandas trazem escritas referentes ao desenvolvimento de atividades acadêmicas no Tempo Comunidade, que são principalmente sobre os encontros realizados com os docentes e colegas de regionalização, eventos que acontecem na universidade e “relatos do cotidiano, mas que tem ligação com os temas estudados no curso e com os estágios” (Tulipa).

Na terceira subcategoria estão os registros que fazem referências às emoções e experiências, “tudo que marca positivamente e negativamente” (Camélia) e o “relacionamento com os colegas e com os professores” (Jasmim) e “experiências diárias marcantes” (Violeta). Nessa subcategoria também aparecem escritas mais abrangentes e diversificadas, alguma cena do cenário político atual, e algo que ache relevante sobre minha vida particular” (Lírio). Enfim nesta categoria as mesmas explicitaram o que contém suas escritas, os pormenores de seus registros, suas

atividades e sentimentos através da prática reflexiva.

Metatexto: o campo em flores de escreveres

O metatexto como tessitura de diálogo, compreensão e interpretação, constitui-se em campo florido de escreveres, tanto porque as acadêmicas/autoras que contribuem para essa tessitura são flores, como também porque são as flores que vemos destacadas ao olhar um campo. Nessa seção apresentamos o metatexto enquanto diálogo teórico-experiencial acerca do escrever no CA.

“A Alternância é vista como modalidade que possibilita ao sujeito aprender e apreender situações de aprendizagem em espaços formais de ensino, bem como em espaços de vida e trabalho”. (Piatti, 2014, p. 49). O curso Educação do Campo – Licenciatura, da Universidade Federal do Pampa do Campus Dom Pedrito-RS, prima por uma alternância integrativaⁱⁱ, entre um sistema educativo em que o acadêmico alterna períodos de aprendizagem em sua comunidade com períodos no ambiente acadêmico e estes estão interligados por instrumentos pedagógicos como o CA o qual visa a formação integral com formação profissional. O uso do CA no curso de Educação do Campo –

Licenciatura da UNIPAMPA remonta a ideia de um diário reflexivo que possibilite o registro do processo formativo de acadêmicos, visto como importante ferramenta para o desenvolvimento profissional e pessoal. Para Marques (2006, p. 13): “escrever é preciso, pesquisar sempre, reconstruir de contínuo nossas aprendizagens”.

No percurso de desenvolvimento deste trabalho bebemos na mesma fonte de intencionalidade, de Baptistella e Chaluh (2017), quando buscamos compreender como o uso do CA está contribuindo com as práticas de escrita dessas acadêmicas bem como em sua formação enquanto autoras de seus saberes. E para tal buscamos em seus escreveres relatos de como se utilizam deste instrumento como formativo do conhecimento. No decorrer deste texto encontram-se as categorias que emergiram da análise desses escreveres. A partir daqui compartilhamos o metatexto: O campo em flores de escreveres, o qual constitui-se e é validado pela tessitura da nossa interpretação e do diálogo com autores e referenciais teóricos acerca do tema investigado.

Escrever é um ato reflexivo, “como o analista, a folha nos escuta supondo um leitor, mesmo que seja eu mesmo, em meu mais secreto diário. Deixar de ser escutado, só desistindo de escrever”. (Marques,

2006, p. 37). A partir deste pensamento questionamo-nos sobre o que é escrever para as referidas acadêmicas e assim surge a categoria: **“Concepções sobre o escrever”**. Nessa categoria trazemos recortes das falas das acadêmicas em relação ao que consideram sobre o ato de escrever. Entendemos que escrever é expressar-se por meio da escrita, é registrar e expor pensamentos até então privados, é tornar público um pensar, e este processo pode ser lento e até difícil, para Violeta “escrever é hábito e às vezes uma forma de desabafo”.

Mesmo que a pessoa escrevente não se considere apta a fazê-lo como diz Tulipa neste registro: “não sou boa com a escrita” a dedicação ao ato obtém resultados e algumas desenvolvem estratégias que as preparam para realizar a tarefa como ficou claro no excerto: “a prática de parar e refletir antes de começar a escrever” (Lírio). “Em tempos de mais jovem, a escrita era mais em torno das coisas do coração, sem a preocupação do mundo fora dele, já nos dias de hoje considero a escrita mais pontual relacionando os fatos com as consequências dele, ou pelo menos tentando compreender o mundo enquanto sujeito pertencente a ele e cheia de indagações, e isso tornou a escrita do CA em algo mais fascinante e sedutor, pois escrever é expandir a alma” (Orquídea).

Esta fala retrata o amadurecimento do processo da escrita e da formação acadêmica deixando claro que a acadêmica reconhece as transformações de seu modo de escrever, agora mais vinculados a sua formação profissional, ainda que suas escritas durante as fases de sua vida também retratem suas vivências e emoções.

O reconhecimento da importância do escrever vai tomando forma a partir do momento que temos consciência de que esta forma de registro é muito importante, seja para uma tomada reflexiva, estudo ou mesmo registro, que ganha nuances históricas como vimos no excerto de Orquídea “é através da escrita que perpassamos os séculos”. A escrita pode ser considerada extensão da voz, através dela conseguimos aumentar o alcance daquilo que queremos compartilhar, ela ganha representatividade cultural e social. Através da escrita as ideias se perpetuam e despertam novas discussões. Muitas pessoas consideram o escrever um ato difícil, isto se dá ao fato de que a escrita é um processo a ser construído, é reflexo de nossas vivências, do meio à qual estamos inseridos. Para com o passar de tempo ir qualificando a escrita se faz necessário a prática regular da escrita e também da fala, em decorrência disso a escrita vai criando forma e se enriquecendo. Assim

sendo o maior problema da escrita está em começar a escrever, pois fomos acostumados a pensar que precisamos de uma organização mental para externar os pensamentos. E como Marques (2006) aponta, o escrever pode ser o processo para pensar, invertemos a lógica, e com o tempo passamos a escrever com mais naturalidade.

Na sequência categorizamos “**Dificuldades em escrever**”, em que as acadêmicas expressam sobre o processo de escrita e o começo do uso do CA e deixam claro que não foi fácil, como nos dizem essas falas: “foi um pouco difícil” (Violeta), “em um primeiro momento encontrei um pouco de dificuldades” (Hortência) e “foi e continua sendo difícil” (Lírio). Mas na sequência encontramos falas mais amenas que não descartam as dificuldades, mas não são tão enfáticas deixando as maiores dificuldades na primeira experiência, “quando tive que fazer pela primeira vez foi um pouco difícil” (Azaleia), e também sobre o processo reflexivo, “por mais que este exercício de reflexão não seja tão fácil assim, tenho dedicação e carinho para com o mesmo” (Bromélia). Além do processo de escrita reflexiva “o processo de escrita foi muito complicado, pois colocar no papel minhas reflexões não era fácil” (Rosa).

Como os escreveres desta categoria se encontram em sua maioria no passado acreditamos que as dificuldades foram em sua maioria superadas. Sabemos que dar início à um processo reflexivo nos traz implicações. Dentro destas dificuldades encontramos um desdobramento dos fatores que levam a estas dificuldades como a falta de hábito, “pois não tinha esse costume” (Violeta); o não saber como registrar, “pois não sabia muito bem o que e como registrar todas as informações recebidas”. (Hortênciã), “não saberia com clareza o que colocar” (Azaleia).

Outro fator relevante para que estas dificuldades ocorressem foi a falta de clareza da diferença entre registro e reflexão como explicitam os seguintes excertos, “durante o curso registrar reflexões foi bastante complicado porque relatar algo é bem diferente de refletir” (Rosa), “de modo que não virasse apenas um relato, mas reflexões” (Hortênciã). E, além disso, são encontradas dificuldades na hora de fazer os registros das reflexões no CA, “pois não consigo transcrever minhas reflexões” (Lírio), “pois não sabia refletir sobre as aulas, e acabava apenas narrando os acontecimentos” (Jasmim). Prado e Soligo (2007, p. 08) contribuem para a definição do escrever reflexivo:

O fato é que quando escrevemos reflexivamente, é preciso combinar em nosso mundo interior as

percepções que recolhemos do mundo exterior, dando forma às nossas ideias e pensamentos. Então, pensar pode ser isso: uma autorreflexão sobre o todo do mundo tal qual se apresenta para nós, um jeito de contá-lo a nós mesmo.

Mas aos poucos vamos evidenciando, como já dissemos, a superação das dificuldades quanto ao uso do CA e as acadêmicas passam a considerá-lo um lugar destinado a estas superações, “onde procuro fazer pesquisas e leituras para ter uma maior compreensão dos temas e ter uma reflexão para superar o senso comum” (Bromélia), “nós como formadoras docentes precisamos ter um novo olhar para o pensamento crítico e reflexivo” (Bromélia). Somente através da prática da escrita é que os escreveres ganham qualificação e tornam-se valorativos para seu escrevente. “A linguagem humana é um constructo biológico, histórico, simbólico e cultural que pode sofrer simplificação de acordo com o ambiente de seu amadurecimento”. (Santos, 2005, p. 11).

Na fase acadêmica o ato de escrever ganha aspectos formativos e valorativos e estes são passíveis de avaliação tanto dos escreveres como do instrumento pedagógico utilizado para esta produção. Assim, chegamos na categoria **“Autoavaliação e avaliação do Caderno de Alternância”**, na qual trazemos os

escreveres sobre a avaliação do instrumento CA e também sobre a avaliação feita por meio do mesmo. Em alguns momentos as acadêmicas revelam suas insatisfações com o CA e o seu desagrado na utilização do mesmo, seja pelo simples fato não gostar, “apesar de não simpatizar muito com o Caderno de Alternância” (Bromélia), ou não conseguir atribuir frequência aos seus registros: “realizei poucos registros” (Violeta).

Também nessa categoria aparecem algumas incertezas: “nunca sei se o que escrevo é realmente o que se espera como registro para uma avaliação” (Camélia) “que indique se estamos correspondendo às expectativas” (Camélia). Estas falas evidenciam as deficiências na comunicação sobre a proposta do CA como instrumento formativo e avaliativo dentro do curso Educação do Campo – Licenciatura; embora o uso do mesmo esteja pautado em documentos normativos do curso que apresentam a proposta desta utilização, bem o processo avaliativo desta relação. Mas a efetivação do uso deste instrumento parte da apresentação e orientação dos professores responsáveis no momento, visto que a cada semestre muda o professor responsável pela orientação, as orientações acabam também mudando, pois, cada professor carrega suas convicções e compreensões sobre o

instrumento. Existem falhas na orientação do uso do CA e isso fica claro nos seguintes excertos: “isso porque uns orientam de um jeito e outros de outro” (Camélia), “a orientação foi bastante deficiente, pois a cada semestre um professor é responsável pela avaliação do CA e vale a sua visão do que é reflexo. Isso gera conflitos, pois nunca o que se escreve agrada a todos e torna-se um transtorno” (Hortênci).

Também explicitam sua insatisfação quanto ao retorno esperado dos docentes em relação ao mesmo, “não gosto de escrever no Caderno de Alternância, nunca sei o que registrar, porque não se tem um retorno do mesmo” (Camélia), “para mim nunca foi agradável escrever e, a partir do momento em que o professor não avaliou meu caderno, me senti muito frustrada e não escrevi mais” (Antúrio). Entendemos, como parte do processo de formação acadêmica, que as próprias licenciandas também devam buscar o entendimento da proposta do CA através dos documentos e neste momento suas percepções e vivências influenciam nas interpretações dos mesmos. Além dos fatores anteriormente descritos aparecem escreveres que expõe a visão contrária ao uso do CA como instrumento formativo do acadêmico: “acho que o caderno não tem, muito a contribuir” (Azaleia), “não acho

que exista articulação do eixo com o Caderno de Alternância” (Antúrio), e “acho que para fazer só se realmente obrigado” (Camélia).

Mesmo com insatisfações, existe uma multiplicidade de percepções em relação ao uso do CA, para Rosa “devido à grande importância que ele exerce na nossa trajetória deveria ter uma avaliação mais significativa” e “seria uma boa opção na hora de rever os conteúdos e também na avaliação com os estudantes, pois ali fica registrado o entendimento do estudante” (Jasmim). Na perspectiva da diversidade não ignoramos as insatisfações, as quais possivelmente refletem compreensão individual perante o estabelecimento da relação que podemos chamar de íntima com o instrumento. Ao analisarmos as percepções das acadêmicas buscamos compreender o porquê destas dificuldades na perspectiva de promover a discussão e identificação de alternativas para melhorar a compreensão do CA como propiciador de uma prática reflexiva que nele deve estar impressa.

Percebemos nos excertos desta categoria, uma certa ressalva uma insegurança em se expressar, como se fossem ser julgadas por seus pensamentos e até medo de expor suas reais compreensões, o ato de escrever revela o escrevente como se o despisse de toda a

proteção que encontra no refúgio de seus pensamentos. É como se não quisessem desvelar seus mistérios a fim de não se comprometer com a palavra dada.

Na fala, a palavra que digo ou me escapa está dita. Não há como fugir ao fato. Mas na escrita posso apagá-la, suprimi-la ou substituí-la. No ato de escrever sinto-me dono de meu próprio texto. Posso mudá-lo a qualquer momento, destruí-lo até. Quando, porém, ele ganha mundo, quando passa ao domínio público, sinto que me fugiu, emancipou-se, escapou de meu alcance. (Marques, 2006, p. 27).

Na categoria “**Afinidades e vínculos com o Caderno de Alternância**”

percebemos o progressivo relacionamento das acadêmicas com o CA da “dedicação e carinho para com o mesmo” (Bromélia). O uso do CA possibilita que o escrevente reconheça o seu saber, isto é, desenvolve a percepção das possibilidades, limites e aprendizados de cada acadêmico. Após a tomada de consciência desse saber mudam-se as posições diante da realidade. E este registrar com o passar do tempo foi cada vez mais tomando forma e sendo capaz de contribuir com a evolução do processo formativo.

“Pode levar mais ou menos tempo para ir se transformando uma narrativa descritiva em uma valorativa”. (Dattein, Güllich & Zanon, 2018, p. 213) e a evolução deste processo é inegável, mesmo com prós e contras, a relação se

estabeleceu e deixou marcas na formação destas acadêmicas. Elas percebem os passos evolutivos desta relação, “no início foi complicado, mas depois das primeiras escritas e das orientações do professor responsável pelo CA ficou mais *light* fazer os relatos” (Tulipa); “nas primeiras escritas aconteceram mais relatos do dia a dia, e não alcancei o objetivo do CA, após uma crítica reavaliei essa condição do escrever, comecei a correlacionar os componentes com fatos cotidianos e ter uma escrita reflexiva, comecei a fazer pontes alternativas e percorrer caminhos que fizessem com que essa escrita se tornasse significativa, dando vida ao CA trazendo questões culturais e políticas, a vida em família, trabalho, amigos, entre outros. Essa escrita evoluiu conforme os semestres evoluíram” (Orquídea).

Essas superações possibilitam que as acadêmicas passem por um processo autoavaliativo, dando-se conta e registrando estes avanços, “se pegar meu Caderno de Alternância do primeiro semestre e comparar com o do oitavo fica gritante essa diferença” (Hortência), “apesar de não conseguir refletir sobre os fatos, acredito que em meus cadernos são notáveis as diferenças de minhas escritas entre o 1º e o 8º semestre” (Lírio). “Hoje quando releio meu CA é notória a diferença em todos os aspectos tanto na

escrita como no contexto” (Rosa). “A ação de inscrever, de registrar, é a forma possível de se apropriar da experiência vivida, da história e da memória”. (Fernandes, 2015, p. 75). Em alguns momentos percebe-se que os propósitos do CA são alcançados quando as acadêmicas conseguem evidenciar que: “foi um amadurecimento crescente, quando pego os cadernos vejo que evolui muito em todos os sentidos” (Jasmim).

E em outro registro fica evidente a importância do retorno pedagógico, da avaliação “a que mais me marcou foi quando eu li em meu CA que minha escrita era superficial, pois bem, isso não me desanimou, pelo contrário foi um incentivo ao entendimento ao que era o CA e qual escrita era a mais adequada, foi um crescimento gradual e satisfatório, fui encontrando um modo de deixar escapar aquilo que estava intrínseco, que me contemplava ou me atormentava, talvez tenha encontrado o equilíbrio entre o escrever e o descrever” (Orquídea). “O questionamento é essencial para o processo do educar pela pesquisa, para a pesquisa da própria prática”. (Dattein, Güllich & Zanon, 2018. p. 214).

Nas “**Contribuições do Caderno de Alternância**”, percebemos que mesmo com ressalvas ou resistências apresentadas em alguns excertos, as contribuições do

Caderno são percebidas e expressas pela maioria das acadêmicas. “Os registros do Caderno de Alternância contribuem para que eu retome minhas referências, veja o meu crescimento enquanto acadêmica e aprenda a refletir sobre minhas vivências” (Hortência). A utilização do CA contribui para que haja uma reflexão sobre os conceitos vistos em sala de aula, “procurar ter uma maior compreensão dos conteúdos, para transcrever para o Caderno e também refletir para superar o senso comum” (Bromélia), “procurei tirar proveito dessa metodologia para que eu tivesse uma maior facilidade no entendimento dos temas” (Bromélia).

Durante o desenvolvimento dos estágios obrigatórios o uso do CA como instrumento de registros das reflexões sobre a prática é de suma importância e contribuição na reflexão dos acontecidos neste período que possibilita grandes aprendizagens. Os registros no CA “contribuem para comparar um estágio com o outro, uma experiência boa com uma ruim, lembrar momentos importantes ali registrados” (Tulipa). Percebem a relevância da experiência vivida e dos aprendizados do período de uso desse instrumento formativo, “a experiência de que é bom fazer relatos e reflexões sobre nossas vivências para assim ver os pontos que devemos manter

ou melhorar em nossa caminhada profissional e até mesmo pessoal ao longo da vida. Isso é muito útil e necessário para o nosso crescimento enquanto pessoa” (Hortência).

o escrever e o estágio possibilitam que as licenciandas desenvolvam a capacidade de análise de situações, que aliam teoria e prática, cotidiano profissional e acadêmico, pois enquanto observam e escrevem relacionam os fatos observados com as teorias vistas em sua vida acadêmica. (Moreira & Moura, 2018, p. 74).

As acadêmicas percebem a amplitude de possibilidades do uso do CA, depois que adquirem o hábito de refletir sobre sua prática, e assim aumentam muito as chances de em futuras jornadas encontrarem a necessidade de registrar suas percepções sobre os fatos e feitos. “Com certeza, essa prática irá me acompanhar, pois há a necessidade de se colocar histórias e sentimentos no papel, os mistérios da vida, as milhares de respostas, os inúmeros questionamentos; cada pessoa em nossa volta com uma história diferente, relações diferentes. Escrever se torna essencial, e profissionalmente não seria diferente, pois como conhecer um estudante, sem observá-lo, sem pensá-lo como ser construtivo do seu futuro” (Orquídea). De acordo com Marques (2006, p. 28) “de maneira muito especial, meus saberes anteriores se configuram

agora outros. A isso chamamos de aprendizagem”.

A significação e ressignificação de nossas vivências possibilita o crescimento pessoal e profissional, sendo assim, utilizar-se de um instrumento de registro pode fortalecer o processo formativo. A partir da reflexão de acontecimentos do cotidiano atribuímos a este instrumento novas significações e a partir destas reflexões formulamos novo olhar enriquecendo os saberes, “a experiência da reflexão sobre a trajetória de aprendizagem é o que levarei para minha vida profissional” (Rosa). Afinal, “se é necessária à reflexão sobre a prática profissional e se escrever favorece o pensamento reflexivo, a conclusão acaba por ser inevitável: a produção de textos escritos é uma ferramenta valiosa na formação de todos”. (Prado & Soligo, 2007, p. 01); nos constituímos profissionais por meio da reflexão de nossas próprias narrativas.

Como última categoria trazemos as **“Potencialidades do Caderno de Alternância”** como processo formativo do acadêmico do curso de Educação do Campo – Licenciatura. A elaboração dos escritos no CA proporcionam um contexto de produção que instiga cada profissional em formação a reviver o percurso. Reviver as vivências do período

de desenvolvimento das atividades acadêmicas consolida e ressignifica as aprendizagens.

...é necessária, na formação docente, uma reflexão que interfira diretamente na ação ou na prática docente, com a finalidade de alcançar uma mudança significativa nas suas práticas didático-pedagógicas. Esta reflexão é possível por meio dos diários reflexivos, já que, ao descrever suas ações, o docente distancia-se da sua prática e a analisa criticamente e ao analisá-la, ele pode decidir o que deve permanecer e o que deve mudar. Isto é uma reflexão crítica. (Andrade & Almeida, 2018, p. 98).

O exercício da produção de registros é ferramenta que possibilita a reflexão sobre vivências e sobre si mesmo sendo um dispositivo que privilegia a compreensão do processo de formação pessoal e profissional; “acredito que escrever colabore em minha personalidade, exteriorizo o que é tocante, dando vida a certezas e tempo as incertezas, pois com isso revive-se o que interiorizamos em sala” (Orquídea), “procurando refletir sobre os acontecimentos” (Violeta).

Cada acontecimento ou fato é passível de registro desde que submetido ao processo reflexivo e estes registros como já dissemos anteriormente dão ao acadêmico a possibilidade palpável de recorrer à suas reflexões “e sempre há algo novo ou relevante que chamou ou chame a atenção e que é imprescindível sua

reflexão e eternização” (Orquídea). A proposta da utilização do CA permite autoconhecimento de si e da prática profissional, possibilitando rever, reconhecer e desmitificar conceitos, que através do ato de escrever nos leva a compreensão das ações significativas envolvidas no período acadêmico: “os registros no CA são de suma importância pois é nele que reflito sobre minhas ações acadêmicas e comunitárias, registros esses que servem como suporte para meu aprendizado como futuro professor do campo” (Rosa).

...os registros orais e escritos dos sujeitos são fontes que servem de material para que tanto esses sujeitos como professores-pesquisadores e professores-reflexivos construam suas narrativas e interpretações sobre os fatos, as situações, as práticas, as experiências e, por fim, sobre si mesmos. É por meio da reflexão, do pensar sobre si, a partir de indícios e daquilo que ficou gravado (em si e em algum artefato), ou seja, das seleções que fazemos/fizemos deliberadamente ou não, que se traduzem por lembranças ou evocações e esquecimentos, que os sujeitos se “escrevem”, se inscrevem e, então, se apropriam e se reconhecem nas suas práticas e experiências. (Fernandes, 2015, p. 75).

O uso do CA apresenta potencialidades formativas uma vez que propicia a tomada de consciência sobre os conhecimentos adquiridos em experiências, ambientes e situações, os

quais podem ser educativos, se houver reflexão. Este processo se intensificará a medida que o acadêmico transpõe suas tarefas e também diante do exercício da profissão docente, possibilitando a reflexão sobre suas ações tanto no tempo presente como futuro no desempenhar de suas atividades.

...por meio da análise das experiências descritas, passamos a refletir sobre a nossa própria experiência e ações e a partir dessa reflexão podemos transformar nossa prática docente. Desta forma, a reflexão registrada em diários torna-se palpável e pode contribuir não só para o desenvolvimento do trabalho do próprio docente que refletiu e fez o registro, como também para o docente que, a partir da leitura dos diários, passou a refletir sobre sua prática. (Andrade & Almeida, 2018, p. 96).

Para além disso, o uso do CA, apresenta potencialidades no desenvolvimento de aspectos da formação integral, proporcionando o amadurecimento intelectual, emocional e social. Isto se dá na medida que o acadêmico é posto em posição permanente de pesquisador de sua realidade, o instrumento é propiciador do diálogo não apenas em ambientes acadêmicos, mas permite ainda a experimentação na realidade do que é expresso na teoria e; principalmente valoriza o ser, a expressão pessoal e valorização dos saberes intrínsecos.

Sementes: o que se espalha no campo dos escreveres

Como sementes sopradas pelo vento, as aprendizagens dessa pesquisa se espalham no campo dos escreveres produzidos até aqui, e poderão germinar em outros escreveres a serem produzidos a partir daqui. Neste texto buscamos compreender as contribuições dos registros no CA para a formação do licenciando em Educação do Campo da UNIPAMPA e para tal sistematizamos as orientações do curso para esses registros; e investigamos a percepção e experiências das acadêmicas em relação ao uso do Caderno. Fizemos esse percurso na perspectiva de compreender as contribuições do escrever recorrente como potencializador do exercício reflexivo de si e de suas experiências formativas. A experiência com essa pesquisa nos levou a algumas considerações que neste momento compartilhamos.

Acreditamos que uma das maiores contribuições do uso o CA seja instigar o acadêmico a ser pesquisador e nesse sentido é importante entender que: “ser pesquisador de sua própria prática formativa tende a aprimorar a mesma, e fortalecer o conhecimento profissional”. (Dattein, Güllich & Zanon, 2018, p. 221). Considerando que desenvolvimento pessoal e profissional, estão inter-

relacionados, a reflexão proporcionada pela escrita representa ação privilegiada no processo formativo, potencializando o autoconhecimento. O CA é um instrumento que possibilita a reflexão da realidade em seu entorno bem como uma reflexão mais ampla sobre a realidade social. O escrever é um registro concreto das principais experiências vivenciadas durante o período de formação acadêmica, propiciador de reflexões sobre o referido período.

Ao narrar as coisas lembradas, os acontecimentos passados assumem vários matizes e nos dobramos sobre a própria vida. Ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam. Vamos nos inscrevendo numa história que não está mais distante e, sim, impregnada das memórias que nos tomam e da qual muitos outros fazem parte. (Prado & Soligo, 2007, p. 06).

A utilização de um instrumento como o CA proporciona o aumento da capacidade de observação e reflexão das vivências desse e de futuros períodos, sejam esses dedicados ao estudo ou ao exercício de uma profissão. Favorece a articulação do conhecimento acadêmico com o prático, possibilitando a adequação à realidade local.

O desafio que ainda está posto é convencer os acadêmicos que aquilo que fazem oralmente a todo instante pode

resultar em escritas de muita importância. Convencê-los que podem converter as conversas cotidianas, sobre o que pensam e vivenciam, aprendem e fazem, em conteúdo de um tipo de texto privilegiado cheio de sua personalidade e reflexo de sua formação. Ao mesmo tempo ao tomar conhecimento da realidade do acadêmico por meio do CA o professor defronta-se com a possibilidade de qualificar seu trabalho e trazer em suas aulas discussões a partir dos conhecimentos empíricos dos acadêmicos promovendo a ressignificação de conceitos e possivelmente a interdisciplinaridade. O escrever desvela o extraordinário de tudo aquilo que passa despercebido no dia a dia, quando analisamos com mais dedicação pequenos fenômenos tornam-se significativos.

Referências

Andrade, F. L. C. D; & Almeida, P. V. (2018). Diários Reflexivos: Um Instrumento Relevante no Processo de Transformação e Desenvolvimento Profissional do Docente. *Revista Educação e Linguagens*, 7(12), 94-106. Recuperado em 12 de setembro de 2018, de: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/1628/1118>

Baptistella, B. F., & Chaluh, L. N. (2017). O que se escreve na formação docente: um inventário das escritas de futuros professores. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 10(23), 235-248. Doi: <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v10i23.6484>

Brasil. (2006). *Parecer CNE/CEB nº 1/2006*. Dias letivos para a aplicação da Pedagogia de Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA). Recuperado em 01 out 2019 de: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/mn_parecer_1_de_1_de_fevereiro_de_2006.pdf

Dattein, R. W., Güllich, R. I. C., & Zanon, L. B. (2018). Escritas reflexivas compartilhadas como estratégia de formação inicial: a pesquisa no ensino e na iniciação à docência em ciências. *Ensino & Pesquisa*, 16(1), 202-228. Recuperado em 29 de setembro de 2018, de: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/1640>

Fernandes, R. S. (2015). A formação do professor-pesquisador-reflexivo: os registros da prática como dispositivos de subjetivação. *Horizontes*, 33(1), 73-84. Doi: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v33i1.100>

Marques, M. O. (2006). *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Ed. Unijuí.

Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>

Molina, M. C. (2015). Expansão das licenciaturas em Educação do Campo: desafios e potencialidades. *Educar em Revista*, (55), 145-166. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.39849>

Moraes, R. (2003). Tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. Análise de conteúdo. *Revista Ciência e Educação*, 22(37), 07-32. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132003000200004>

Moreira, L. S.; & Moura, A. C. O. S. (2018). Escrever como Ação Formativa: Registros do Estágio de Observação na Licenciatura em Educação do Campo. *Revista Educação – UNG*, 13(2), 67-76. Recuperado em 08 de janeiro de 2019, de <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/3439/2528>

Piatti, C. B. (2014). Pedagogia da alternância: espaços e tempos educativos na apropriação da cultura. *Boletim GEPEP*, 3(5), 48-64. Recuperado em 26 de setembro de 2018, de: <http://www2.fct.unesp.br/grupos/gepep/3e.pdf>

Prado, G. V. T., & Soligo, R. A. (2007). Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In Prado, G. G., & Soligo, R. (Orgs.). *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações* (pp. 45-60). 2. ed. Campinas, SP: Alínea.

Santos, P. P. (2005). Por que as pessoas têm dificuldade em escrever? — reflexões sobre a limitação repertorial e cognitiva da sociedade contemporânea. *Revista Investigações*, 18(2), 1-12. Recuperado em 05 de outubro de 2018, de: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1480>

Saul, T. S., Rodrigues, R. A., & Auler, N. M. F. (2019). A Pedagogia da Alternância nas licenciaturas em Educação do Campo: olhar sobre as produções acadêmicas. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, 4, e5541. Doi: <https://doi.org/10.20873/uft.rbec.v4e5541>

UNIPAMPA. (2016). *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo*. Dom Pedrito: UNIPAMPA. Recuperado em 02 abril de 2018, de: http://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/ri/111/3/PPC_Educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Campo.pdf

UNIPAMPA. (2013). *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo*. Dom Pedrito: UNIPAMPA. Recuperado em 02 abril de 2018, de: http://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/ri/111/1/PPC%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Campo_Dom%20Pedrito_set%202013.pdf

ⁱ O curso de Educação do Campo – Licenciatura, da UNIPAMPA, organiza as visitas do Tempo Comunidade (TC) em regionalizações, espaços que integram diferentes municípios de origem dos estudantes que possuem proximidade geográfica. Para desenvolvimento das atividades do TC os professores do corpo docente são também organizados pelas diferentes regionalizações, de maneira que 2 a 3 professores atendam uma mesma regionalização.

ⁱⁱ O parecer CNE/CEB nº 1/2006 (Brasil, 2006) diferencia três tipos de alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA). A partir da descrição de cada um dos tipos, identificamos que o curso de Educação do campo-Licenciatura da UNIPAMPA, desenvolve a alternância na perspectiva integrativa.

Informações do artigo / Article Information

Recebido em : 08/05/2019
Aprovado em: 30/09/2019
Publicado em: 19/12/2019

Received on May 08th, 2019
Accepted on September 30th, 2019
Published on December, 19th, 2019

Contribuições no artigo: As autoras foram as responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.


Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de interesse: As autoras declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Orcid

Lisiane dos Santos Moreira

 <http://orcid.org/0000-0001-5477-2776>

Ana Carolina de Oliveira Salgueiro de Moura

 <http://orcid.org/0000-0001-7447-4805>

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Moreira, L. S., & Moura, A. C. O. S. (2019). Cadernos de Alternância como instrumento de registro, avaliação e formação de professores. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 4, e6843. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e6843>

ABNT

MOREIRA, L. S.; MOURA, A. C. O. S. Cadernos de Alternância como instrumento de registro, avaliação e formação de professores. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 4, e6843, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e6843>